



RECOMEÇO DA GERAÇÃO BABY BOOMER (1946 - 1964)

Minervino Junior CB/DA Press



Cleuza Guimarães, 72 anos, e a realização de um sonho por meio da arte

Arte para a vida

Nas salas em que os filhos estudaram, o orgulho e a emoção também eram visíveis no rosto de Cleuza Guimarães, 72 anos. A caloura de museologia afirma que nem as suas apresentações como cover de Carmem Miranda deram tanto frio no estômago quanto iniciar uma graduação. “Ela me inspirou a gostar de arte. Eu amo a história dela e, agora, vou escrever a minha”, disse, emocionada. Aos 16 anos, deixou o interior de Goiás para tentar a vida em Brasília. No caixa do supermercado em que trabalhava,

aos 19 anos, conheceu o grande amor da sua vida: Pedro Gonçalves Guimarães. A paixão, com 20 anos de diferença, virou tema do livro *Amor que nasceu em Brasília*, literatura de cordel escrita por ela, que conta a história deles. Do amor à primeira vista, nasceram três filhos, que se formaram na UnB.

Agora, as carteiras que receberam os filhos receberão a mãe. “Estudar no mesmo lugar que eles, é um sonho realizado. Não consigo nem explicar a sensação”. A dedicação à família foi o roteiro da vida de Cleuza, que retornou aos estudos aos 45 anos e, somente em 2001, terminou o segundo grau. Em Tocantins, onde viveu ao lado do amado, Cleuza fez curso de extensão. Das terras tocantinenses, também veio o reconhecimento.

“Você é muito guerreira e está sempre vencendo os desafios que a vida traz”, mostra, orgulhosa, a mensagem recebida

pela professora Célia. Apesar dos cursos, Cleuza sabia que ela poderia mais. “Eu sempre tive na minha cabeça de que eu conseguiria fazer uma faculdade. Muitas vezes, não me sentia pertencente nas rodas de conversas dos amigos. Agora, vou cumprir o que meu coração sempre pediu.” Quando fez a prova de redação, o apoio veio dos filhos “A gente sabia que ela conseguiria. Ela sempre se dedica muito ao que faz. Pra gente, ela é um orgulho”, afirmou Lucilene Guimarães, filha de Cleuza. Com lágrimas nos olhos, a caloura afirmou que, para o primeiro dia de aula, tem uma palavra que não existe em seu vocabulário. “Não tenho medo de nada! Eu enfrentei muita coisa na minha vida, e tenho certeza de que essa graduação vai ser um orgulho pra mim. Estou pronta para ensinar aos mais jovens e aprender com eles”. Na dança da vida, Cleuza e Carmem Miranda dão um show.

Conexão de Garanhuns a Brasília

As malas de Enilda Cordeiro da Silva, 67 anos, já estão prontas. Dentro delas: sonhos. Ficar perto dos filhos e estudar artes cênicas, sua grande paixão. “Estava na casa do meu filho, em Goiânia (GO), quando vi que tinham duas vagas remanescentes, e logo quis fazer. Vi na sexta-feira e as inscrições acabavam na segunda-feira. Era a minha oportunidade.” Deixar o conforto de sua casa em Pernambuco e partir para o desconhecido ainda assustava, mas o sonho não pode esperar. “Sempre tive muito medo de deixar para trás o que construí, para começar algo novo. Mas estou pronta para tudo”. Na preparação para o vestibular, aulas on-line gratuitas para estar pronta para a redação.

“Tive menos de um mês para estudar tudo e conhecer as técnicas pedidas na prova. Empenhei-me e consegui.” A sua

história com as artes começou na infância. O teatro sempre foi uma paixão. A mobília de sua casa já foi usada nas encenações do circo. “Em Lajedo, interior de Pernambuco, atrás de nossa casa tinha uma grande área onde o circo acampava. No segundo ato do espetáculo, chamado de drama, eu ficava encantada com tudo. Foi justamente aí que minha paixão começou. Minha primeira lembrança das artes cênicas.” No ensino médio, fazia dramatizações. Na fase adulta, fez uma peça de teatro chamada *Se essa rua fosse minha* e apresentou em alguns lugares. “Fazia tudo sem muita técnica, era tudo pela paixão”.

A vida a afastou da arte e formada em nutrição, seguiu carreira em Brasília. Na Secretaria de Saúde do Distrito Federal, uniu a profissão ao amor e criou

Arquivo pessoal



Enilda (E), 67 anos, no elenco da peça teatral *Sem açúcar, com afeto*.



Arquivo pessoal

a peça *Sem açúcar, com afeto* que se tornou referência na Capital Federal sobre prevenção a diabetes. Em 1995, voltou para a sua Terra e seus filhos sempre conheceram a cultura pernambucana. “Sempre quis que eles soubessem de onde vieram e suas raízes”, disse. A passagem está comprada, os amigos estão ajudando a mudança. “Fizemos o Brigada Revolucionária da

Enilda, e cada um ajuda como pode. É muito difícil desapegar de muitas coisas e escolher o que vai seguir comigo”.

Ao futuro, Enilda espera que seja um segundo ato das histórias que o circo tantas vezes a fez sonhar. “Farei da minha vida a minha própria peça teatral.”

» Leia mais na página 4